

TEMPESTADE DE (PRÉ)CONCEITOS: AS REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Maria Helena da Rocha Besnosik

Doutora, UEFS, maria.besosik@gmail.com

Jackeline Silva Lopes

Mestre, UEFS, jack.lopes.lacerda@gmail.com

RESUMO - O presente artigo visa analisar as representações de estudantes de graduação candidatos à seleção em bolsa de iniciação extensionista. Estes estudantes participaram de oficinas de orientação sobre elaboração de planos de trabalho para atuar em Projetos/Programas de Extensão promovidas pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS em 2010. A análise fundamenta-se no conceito teórico-metodológico de Representação proposto por Chartier e na revisão da concepção de extensão a partir de Paulo Freire (1983) e do Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001). Busca-se estabelecer relações entre as representações dos estudantes sobre a extensão, seus efeitos sobre as práticas extensionistas e o lugar periférico que a Extensão ainda ocupa na vida acadêmica das universidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: representação, extensão, iniciação extensionista

PREOPINION STORMS: THE REPRESENTATIONS OF UNDERGRADUATES ABOUT UNIVERSITY EXTENSION

ABSTRACT - This present paper aims analyzing the undergraduates' representations, applicants for selection in extension's initiation scholarship. Theses students have participated in orientation courses about elaboration of work plans for acting in Extension Projects/ Programs promoted by Department of Extension (PROEX) of the State University of Feira de Santana (UEFS), in 2010. The analyze is based upon theoretical-methodological concept of Representation, proposed by Chartier and inte review of the conception of extension from Paulo Freire (1983), Pedro Demo (2001), and the National Plan of University Extension (BRASIL, 2000/2001). Seeks after relations between the students representations about the extension, their effects upon the extension's practices and the place laid aside, wherein the Extension still resides in the academic life of the Brazilian universities.

KEYWORDS – representation, extension, initiation scholarship

Historicamente, a forma como a extensão se apresenta nas universidades incorpora nas suas ações um viés assistencialista, de transmissão de conhecimento (cursos, conferências, seminários), de prestação de serviços (assistências, assessorias e consultorias) e difusão cultural (realização de eventos ou produtos artísticos e culturais), muitas vezes, descontextualizado, sem um aprofundamento teórico, metodológico, carecendo inclusive de uma reflexão política. A partir do fortalecimento dos movimentos sociais e das discussões em torno da redefinição do papel das Universidades na construção de uma sociedade democrática que marcou a década de 1980 no Brasil, esse quadro vem sofrendo questionamentos e provocando discussões entre os que hoje militam na extensão, objetivando trazê-la para o campo da reflexão, com o objetivo de repensar a sua natureza e qualidade. (BRASIL, 2000/2001)

Para a construção de um conceito de extensão que se aproxime de uma relação dialógica com a sociedade, vale ressaltar as contribuições de Paulo Freire (1983), apontando para uma substituição do termo “extensão” por “comunicação”. O termo extensão não foi substituído, mas, a partir dele, o termo comunicação passa a significar uma relação conscientizadora para os parceiros da Extensão-intercâmbio entre saber sistematizado e saber popular, a Extensão como ponte entre a Universidade e a Sociedade.

O desafio atual é qualificar a discussão sobre o papel da extensão na construção de uma Universidade que, preocupada com a formação profissional, forme indivíduos capazes de questionar a sua própria realidade e que, por meio de uma postura crítica, desejem uma sociedade mais humana. Para tanto, é primordial restabelecer o seu lugar no famoso trinômio “ensino, pesquisa e extensão”.

Transformar esta concepção de extensão historicamente enraizada nas universidades brasileiras, tomando como base a concepção freiriana de extensão e, conseqüentemente, conquistar o efetivo equilíbrio no tripé de sustentação das universidades através da equidade dessas atividades na vida acadêmica, têm sido as principais preocupações do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) das Universidades Públicas Brasileiras, expressas no Plano Nacional de Extensão (BRASIL, 2000/2001). Entretanto, 11 anos depois da publicação do Plano Nacional, o XXXIV Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste (FORPROEX NE) revelou que tais preocupações ainda são presentes, sendo pauta permanente do fórum a busca de estratégias para transformar este quadro, destacando-se entre as que vêm sendo empreendidas, o empenho em curricularizar, institucionalizar, ampliar, qualificar e definir indicadores de avaliação das/para as ações extensionistas.

Estas também vêm sendo as principais frentes de luta da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada em Feira de Santana, segundo maior município do Estado da Bahia, a 110 km da capital, Salvador, conforme expressa seu relatório do ano de 2010:

A Extensão na UEFS tem como principais objetivos sensibilizar e mobilizar a comunidade da UEFS para um “fazer universitário” que promova a reflexão sobre a necessidade de conciliar as suas ações às demandas da sociedade e contribuir para a construção de uma Universidade que forme indivíduos capazes de questionar a sua própria realidade e, por meio de uma postura crítica, colaborem para a construção de uma sociedade mais humana. Entretanto, a Pró-Reitoria de Extensão ainda enfrenta dificuldades para consumir estes objetivos, tais como o número ainda reduzido de ações que resultem em contribuições efetivas para a melhoria da qualidade de vida da comunidade, a dificuldade em articular a extensão ao ensino e à pesquisa e em estabelecer critérios na avaliação dos projetos e políticas públicas desenvolvidas em parceria com outras instituições. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2010, p. 2)

Neste sentido, a Pró-Reitoria de Extensão da UEFS deu início a um processo de resignificação e de conquista de um espaço análogo ao ocupado pela pesquisa e pelo ensino na instituição, através de ações como:

- incentivo à institucionalização dos Projetos/Programas/Cursos de Extensão existentes na instituição;
- elaboração de um arcabouço normativo para as atividades extensionistas, ampliação da participação de estudantes nessas atividades através do aumento do número de bolsas de iniciação extensionistas e da normatização do voluntariado em extensão;
- (re)abertura de fóruns democráticos de discussão das políticas institucionais de extensão;
- discussões com a Pró-Reitoria de Graduação e os Colegiados de Curso com vistas à inserção da extensão nos currículos da Graduação;
- revisão e reestruturação dos Projetos/Programas Interinstitucionais propostos pela Secretaria de Educação do Estado e desenvolvidos pela instituição;
- realização de cursos para professores, servidores e estudantes da instituição visando trabalhar a concepção de extensão que subsidia os Projetos/Programas/Cursos em desenvolvimento e os indicadores de avaliação dos impactos sociais destes, dentre outras.

Este processo certamente dar-se-á de forma gradual, já que se trata de uma mudança cultural, mas passos significativos já foram dados neste sentido.

Foi no desenvolvimento de uma dessas ações prioritárias da política institucional de extensão da UEFS, durante a realização de uma Oficina de orientação para elaboração de planos de trabalho para atuar em Projetos/Programas de Extensão, que tivemos contato com as representações dos estudantes da instituição sobre a Extensão Universitária aqui analisadas e que começamos a refletir sobre os efeitos dessas representações no perfil extensionista da instituição.

A citada oficina foi ministrada em 2010, por uma equipe composta por servidores técnicos e professores que atuam na Pró-Reitoria de Extensão da UEFS, e teve como público 137 estudantes de diversos cursos de Graduação candidatos à bolsa do Programa Institucional de Bolsa Extensão (PIBEX), distribuídos em cinco turmas. Embora o fator de atração destes estudantes fosse obter auxílio na elaboração de seus planos de trabalho, instrumento com maior peso na seleção para bolsistas de iniciação extensionista, o principal objetivo da oficina era trabalhar os (pré)conceitos desses estudantes sobre a extensão e, com isso, qualificar as atividades extensionistas desenvolvidas na instituição.

A metodologia da oficina, construída coletivamente por seus ministrantes, previa três etapas, a saber: 1 – Tempestade de idéias, onde cada estudante inicialmente escreveria em uma folha de papel sua concepção de extensão e depois a explanaria, cabendo ao ministrante estabelecer conexões/distinções entre as diversas concepções; 2 – Construção, a partir da discussão sobre as concepções de extensão, de um conceito de extensão condizente com a concepção freiriana; 3 – Orientação quanto à elaboração dos planos de trabalho.

Assim, as representações de extensão que serão aqui apresentadas foram adquiridas através das concepções de extensão escritas por esses estudantes na primeira etapa da oficina, em suas cinco turmas. Antes de analisá-las, porém, faz-se necessário esclarecer que a opção por tratar estas concepções como representações, se dá por entendê-las como formas de apreender, pensar, classificar e construir uma realidade social individual e socialmente. (CHARTIER, 1990) Ou seja: o ato de construção dessas representações dá-se na mente do indivíduo, mas a partir da apreensão e do uso de símbolos socialmente compartilhados e de comum compreensão, de modo que as representações constroem-se através de práticas sociais e culturais, embora a apropriação destas representações pelos sujeitos não se dê de forma automática, mas sofra influência do contexto que os cercam e das histórias de vida de cada um. (ENTREVISTA, 1999)

Isto significa dizer que as representações dos estudantes da UEFS sobre extensão, embora registradas individualmente e fruto das reflexões de cada um, revelam uma racionalidade construída ao longo de sua formação acadêmica, a partir da convivência com

docentes e demais colegas de cursos e das experiências de vida de cada um, que os aproximam ou os afastam de uma vivência extensionista ou de uma inserção nas comunidades extra-campus universitário. Logo, são reveladoras de uma prática social que as construiu.

Assim, não surpreende que a imensa maioria das representações de extensão desses alunos esteja relacionada às concepções historicamente construídas da extensão mencionadas no início desse texto. 38% dos alunos que participaram da oficina consideram a extensão como atividades que permitem aos estudantes e professores ultrapassar os limites da Universidade, da sala de aula e/ou do currículo. É o que nos revelam os seguintes trechos escritos pelos estudantes: “Extensão é um curso que permite ao estudante o contato com a comunidade externa, ou seja, *fora do campus universitário*”; “Da conta das atividades acadêmicas realizadas *fora da Graduação*”; “Trabalhos ligados à Universidade, porém *externos à mesma*”; “Extensão é *ir além das pessoas e do universo da UEFES*”; “Atividades *extracurriculares* que contribuem com a sociedade e a formação do estudante”; “*Ir além dos limites da Universidade*”; “estender conhecimentos *além dos muros da Universidade*”; “É a *exploração das barreiras da Universidade, ou seja, ir além da graduação*”; “Desenvolvimento de *atividades extras* na área de atuação, isto é, relacionada ao curso, de modo a aprofundar conhecimentos que serão incorporados *além da grade curricular*”; “Extensão é algo *além do usual*, que *complementa* aquilo que se faz em determinada área”; (grifos meus)

Se por um lado estes fragmentos revelam uma clareza de que a extensão promove um contato com a comunidade extra-campus, apontam para uma representação sustentada na prática cultural universitária de isolamento social, de desenvolvimento de pesquisa e ensino desligados da sociedade que é objeto de seu estudo, e tal prática dificulta a inserção da comunidade extra-campus no ambiente universitário, já que há uma clara concepção de que a extensão deve se dá fisicamente “fora dos muros” da Universidade.

Alguns destes e outros fragmentos dos textos revelam, ainda, uma representação da extensão (compartilhada por 28% dos estudantes) como um complemento ao conhecimento adquirido/produzido na academia, como uma qualificação adquirida fora da formação acadêmica, como um complemento à pesquisa. É o que se pode perceber nos seguintes trechos: “Forma de *dar continuidade* a algum estudo e promover a socialização do mesmo para a sociedade”; “*Ampliação* de trabalhos e atividades *além do curso de Graduação*, com *atividades extracurriculares*”; “Extensão é *dar continuidade* numa determinada pesquisa”; “Forma de *qualificação*”; “*Ampliação* dos conhecimentos científicos”; “*Continuação*,

aperfeiçoamento”; “Algo que *acrescenta* na formação acadêmica”; “*Formação continuada*”; “*Conhecimento complementar*”; “*estudo continuado* de uma área específica”. (grifos meus)

Vista dessa forma, a extensão deixa de ser um dos pilares da construção do conhecimento científico na universidade para tornar-se uma atividade extra-curricular, complementar, que é interessante mas não fundamental à formação desses estudantes. Tal prática se perpetua pelo fato da extensão ainda não estar inserida nos currículos dos cursos de Graduação desta e de muitas outras instituições de ensino superior brasileiras, fazendo com que os alunos não a vislumbrem como parte indispensável da sua formação. Os efeitos da disseminação desta representação, na UEFS, são perceptíveis nos dados estatísticos apresentados no Relatório de 2010 da Pró-Reitoria de Extensão, que comprovam que somente cerca de 5% dos estudantes da UEFS participam de Projetos/Programas de Extensão.

Outra representação da extensão disseminada entre 12% dos estudantes da UEFS é a de que a extensão é um conhecimento científico, chegando a, por vezes, confundir-se com uma atividade de pesquisa caracterizada por se dá no campo (fora de laboratórios e/ou salas de aula) ou na área de atuação profissional: “*espaço científico-cultural* para ampliação de conhecimentos”; “*conhecimento científico* que contribui para a sociedade”; “É a *pesquisa* em determinada área do *conhecimento científico* baseada em projetos já existentes na instituição”; “*promove uma pesquisa no campo* de estudo”; “*desenvolver pesquisas e estudos* em um ambiente educacional”; “*atuar fora da universidade, em nosso campo de trabalho, fazendo investigações e pesquisas*”; “*trabalho com pesquisa na área de atuação* com objetivo de ampliar conhecimento extracurricular”. (grifos meus)

Se isso demonstra uma tentativa de valorizar a extensão, colocando-a no patamar das práticas acadêmico-científicas, por outro lado demonstra uma dificuldade por parte dos estudantes em distinguir as características próprias das atividades de pesquisa e extensão, evidenciando a inexperiência com a prática extensionista.

A extensão é representada, ainda, por 18% dos estudantes, como um conhecimento prático, um ato de socializar os resultados de uma pesquisa ou de levar conhecimentos para a sociedade, como forma de retorno/satisfação/agradecimento por esta ter financiado a realização dos seus estudos: “*Extensão é aplicar o conhecimento científico* em atividades extracurriculares para benefício comum”; “*aplicação do conhecimento* adquirido na universidade, contribuindo para a melhoria da comunidade”; “as atividades de extensão seriam aquelas em que *o que é produzido na academia é mostrado/aplicado à sociedade* como um *retorno*, visto que a instituição é mantida com recursos públicos, de forma que é legítimo que a produção acadêmica seja pública”; “*Extensão é levar o conhecimento* para o

além da universidade. Democratização do saber. O público em prol do público”; “Tem a finalidade de dar à comunidade um *retorno*, uma contribuição do trabalho/projeto desenvolvido pela Universidade”; “o *retorno e a socialização de estudos* para a comunidade, para outro público”; “*Levar o conhecimento e a base teórica adquirida* na UEFS para as pessoas que não pertencem a esse universo”; “*Levar a aprendizagem que obtemos na Universidade* para outros espaços além dela”; “*estender todo o conhecimento gerado dentro da universidade* em benefício da comunidade, porque o conhecimento não deve ficar limitado somente a nós estudantes”. (Grifos meus)

Aqui, vemos os estudantes da UEFS reproduzirem uma prática acadêmica arrogante e já denunciada por Paulo Freire na década de 1980: a de considerar a sociedade excluída do espaço acadêmico uma “tabula rasa”, desprovida de conhecimentos e ansiosa em absorver todo o conhecimento detido pelos estudantes. Este tem sido o principal obstáculo à implementação de uma concepção de extensão fundamentada na Comunicação/interação entre a universidade e a sociedade, uma vez que não há comunicação num monólogo onde apenas um tem a fala (os universitários) e ao outro cabe ouvir (a comunidade).

Enquanto esta prática cultural se perpetua e essas representações se disseminam, a Universidade sofre a resistência das comunidades externas, principalmente as organizadas em movimentos sociais, que reivindicam um lugar como participantes/construtoras do conhecimento e que têm demandas próprias que muitas vezes não são compreendidas, nem sequer ouvidas. Ao mesmo tempo, o conhecimento científico perde a possibilidade de enriquecer-se com o conhecimento que poderia ser compartilhado caso houvesse, de fato, interação entre a sociedade e a universidade.

Outra consequência da autorrepresentação dos acadêmicos como detentores do conhecimento, fortalecida pela de que a extensão é uma forma de retorno à sociedade, de compromisso social, é a concentração das atividades extensionistas no campo do assistencialismo. De fato, a Universidade deve à comunidade um retorno pelo alto investimento que esta última faz na produção científica acadêmica. Entretanto, este retorno pode se dá através de práticas que proporcionem a autonomia dessas comunidades, instrumentalizando-as para resolver seus problemas sociais, ou detectar mecanismos para isso, e não a dependência dos “serviços oferecidos” pela Universidade.

Parafraseando o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, em oportunidades em que foi chamado a se posicionar sobre a eficácia do Programa Bolsa Família como instrumento para a promoção social: “dar o peixe é importante, mas não é suficiente: é preciso ensinar a pescar”. Do mesmo modo, não é possível hoje às Universidades Públicas romper definitivamente com

as práticas assistencialistas alimentadas por décadas, mas é possível dar passos largos rumo a uma transição para produção de conhecimento mútuo universidade/sociedade com vistas à conquista da autonomia desta última.

Os dados apresentados até então apontam para um quadro pessimista da extensão universitária na UEFS que, sabe-se, está próximo das realidades existentes em outros estados brasileiros, a julgar pelos depoimentos dos Pró-Reitores de Extensão no XXXIV FORPROEX NE. Entretanto, ainda que num percentual muito inferior, se comparado aos das demais representações estudantis aqui apresentadas, foi possível detectar, na UEFS, a existência de 4% dos estudantes que representam a extensão como uma forma de conhecimento construído a partir da interação entre a universidade e a sociedade em prol de benefícios mútuos, principalmente entre aqueles que já estavam iniciados na extensão (como bolsistas ou voluntários) e que, no momento da oficina, estavam pleiteando a renovação de suas bolsas. Dentre seus escritos, destacamos: “*interação da universidade com a sociedade*”; “*Relação mútua entre a universidade e a sociedade*”; “*elo entre universidade e sociedade*”; “*É tudo aquilo que extrapola o limite de um objeto ou campo de estudo/trabalho, permitindo uma troca de experimento, conteúdo e informações, fazendo com que haja aprendizado mútuo*”. (grifos meus)

Tal percepção, ao mesmo tempo em que sinaliza o início de uma mudança de concepção na UEFS impulsionada pela vivência de uma prática extensionista diferenciada, alimenta a esperança de Demo (2001), de que a universidade cumpra o seu papel de dialogar efetivamente com a Sociedade, mantendo seu compromisso social, tornando desnecessária a existência da extensão neste modelo que ainda temos hoje, dando lugar a uma efetiva e promissora *comunicação* entre a Universidade e a Sociedade que a sustenta.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, 2000/2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 5a ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

ENTREVISTA com Roger Chartier. **Revista Pós-História**. Assis, v. 7, p. 11-13, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Relatório de Atividades de 2010 da Pró-Reitoria de Extensão**. Feira de Santana: PROEX/UEFS, 2011.